

## DEFINIÇÕES E REPRESENTAÇÕES DA MORTE: RESULTADOS EM JOVENS ESTUDANTES CABOVERDIANOS E PORTUGUESES

*José H. Barros de Oliveira*

*Universidade do Porto, Portugal*

*António M. Barros*

*Universidade do Minho, Portugal*

### **Resumo**

Partindo-se de um estudo sobre a representação da morte em duas amostras de estudantes do Ensino Secundário (Cabo-Verde e Portugal), analisa-se o conteúdo de respostas abertas a três questões do questionário. As duas amostras de jovens não se afastam muito na definição, representação e últimos sentimentos frente à morte. As respostas mais frequentes fazem-nos pensar que os adolescentes-jovens levam muito a sério e pensam bastante no problema da morte, sem contudo o dramatizarem em demasia, parecendo sentir-se mais desprendidos e mais livres frente à morte do que os adultos.

O tema da morte foi praticamente desconsiderado pelos primeiros estudiosos da Psicologia, exceção feita à Psicanálise. Freud preocupou-se com este problema, o que transparece no grosso volume de Max Schur (1975) sobre "A morte na vida de Freud". Do ponto de vista filosófico, foi a corrente existencialista que mais se debruçou sobre

este tema. A psicologia propriamente dita, dominada na primeira metade deste século pelo behaviorismo, só a partir da década de 60 se começou a interessar mais pelo assunto.

Diversas razões podem ser apontadas para esta mudança (cf. Feifel, 1990), particularmente porque a Psicologia do Desenvolvimento deixou de se limitar à evolução da criança e do adolescente para estudar também o desenvolvimento do adulto e do velho (gerontologia) que se confronta com a morte iminente, mesmo em situação normal. O mesmo se diga dos doentes terminais que mereceram a atenção particular de Kubler-Ross. Recentemente saiu também um estudo interessante de Maria de Hennezel (1997), prefaciado por Mitterand, intitulado *La mort intime* (tradução portuguesa: *Diálogo com a morte*).

Um dos temas mais versados estuda o medo e/ou a ansiedade frente à morte, embora com resultados discordantes (Conte, Weiner & Plutchic, 1982), devido a diversos factores, como a dimensão mais ou menos consciente ou inconsciente deste medo, as variáveis intermediárias que interferem na relação (como a idade, o sexo, a religião e outros traços de personalidade) e, ainda, os instrumentos usados na avaliação da ansiedade frente à morte que pode ser de natureza uni ou pluridimensional, se bem que os estudos e a simples reflexão se inclinam pela perspectiva multidimensional (cf. Collet & Lester, 1969; Feifel & Nagy, 1981; Kastenbaum & Costa, 1977; Lester, 1967; Neufeldt & Holmes, 1979; Simões & Neto, 1994; Templer, 1970).

De qualquer modo, hoje, e mais do que nunca, a morte aí está bem visível e patente, particularmente nos meios de comunicação social, sem poder ser escondida, embora, por outro lado, constitua ainda uma espécie de *tabu* a nível individual. Assim, é evidente a importância, a nível pessoal e social, deste tema. Os investigadores da Psicologia, definida como a ciência da personalidade e/ou do comportamento, não podem ignorar esta questão com que cada ser humano se confronta, sobretudo à medida que vai avançando em idade ou se encontra a braços com alguma doença grave, se bem que ninguém esteja livre de ser surpreendido em plena idade ou mesmo na juventude pelo espectro da morte. Por outras palavras, fazendo a morte parte da vida, não podem os psicólogos deixar o seu estudo unicamente aos filósofos, literatos e artistas, e particularmente aos teólogos e estudiosos da religião. Compete-lhes interpretar o fenómeno do ponto de vista psicológico, a nível da psicologia da personalidade, da psicologia social e, ainda, da psicologia da educação. É necessário não apenas aprender a bem viver, como também a bem morrer, podendo falar-se de uma pedagogia tanatológica.

Foi neste contexto que se procedeu a um estudo sobre a percepção e atitudes dos jovens frente à morte (no futuro procurar-se-á abranger igualmente os adultos e os velhos), tendo em vista também a dimensão intercultural.

## Método

### Amostra

O estudo aqui apresentado baseia-se em duas amostras. A primeira consta de 285 jovens de Cabo Verde do curso complementar (secundário) do liceu Domingos Ramos da Praia (Santiago). A segunda reflecte o pensar de 202 jovens portugueses frequentando o 12º numa escola particular do Grande Porto. A média de idades nos dois grupos situou-se em torno dos 17 anos.

### Procedimento

Aos dois grupos, em Janeiro de 1997, foi passado um questionário sobre a ansiedade frente à morte (*Death Anxiety Questionnaire*) de Conte, Weiner e Plutchic (1982). Acrescenta-se que este questionário foi adaptado para a população portuguesa por Simões e Neto (1994). Os sujeitos responderam, ainda, a outro questionário, em estudo, sobre as percepções e atitudes em face da morte pessoal e dos outros. No final, havia três perguntas abertas sobre definição e representação da morte e, ainda, sobre o último pensamento ou desejo antes de morrer. Os questionários foram preenchidos durante uma aula, estando presentes o psicólogo ou um professor.

Neste estudo damos conta apenas das respostas às perguntas em aberto, através da análise de conteúdo. Este método visa uma descrição objectiva, sistemática, e quanto possível quantitativa, do conteúdo manifesto das comunicações, a separar em unidades de análise com a consequente ordenação num sistema de categorias. Estas devem primar pela objectividade (na base duma lista de indicadores que permitam identificar as unidades temáticas a colocar nessa categoria), pela pertinência (responder aos objectivos da investigação), pela exaustão (todas as unidades devem ser classificadas, e numa só categoria - exclusão mútua) e pela homogeneidade (que respeite sempre o mesmo princípio de classificação) (cf. Léon, 1980, pp. 169-170).

Tendo em conta estes princípios, e apesar da grandeza da amostra, procedeu-se à análise de conteúdo das três questões (foram quantificadas as respostas mais frequentes - quando a resposta é dada apenas por um sujeito, não se indica o número).

### Resultados

Como se referiu, neste artigo centrar-nos-emos apenas nas respostas obtidas às três questões abertas do questionário aplicado. Desde já, importa referir que cerca de 20% dos inquiridos cabo-verdianos não respondeu a estas perguntas abertas. Outros responderam a uma ou duas perguntas, deixando a(s) outra(s). Este facto foi explicado

com base, ou na falta de tempo, ou pelas dificuldades sentidas na resposta (difícil exprimirem-se). Na amostra portuguesa praticamente todos os sujeitos (apenas três deixaram a página em branco) responderam às três perguntas.

As respostas de uns e outros são de valor desigual e também de extensão diferente (eram sugeridas umas três linhas), reflectindo muitas o contexto sócio-cultural e religioso. Apesar de tudo, a análise de conteúdo das respostas dadas permite-nos tirar algumas ilações.

### Definição da morte

A primeira pergunta aberta era deste teor: Defina em duas ou três linhas o que é a morte para si - *A morte é...*

Analisemos primeiro os resultados na amostra caboverdiana. Alguns sujeitos (9) limitaram-se a dizer, por expressões diferentes, que "nem quero pensar nisso", "detesto falar sobre a morte". A maior parte, porém, venceu a natural repugnância, dando respostas mais ou menos positivas ou negativas. Entre as positivas, certamente inspiradas pela fé religiosa, podemos classificar as que consideram a morte como "descanso eterno" (14), "o fim dos sofrimentos" (6), "o fim das aparências" (2) e, ainda, com uma resposta apenas para cada, "passagem da tristeza para a alegria, duma vida para outra melhor", "fim duma etapa e começo de outra" ou "dom de Deus oferecido ao homem, assim como a vida".

Respostas mais ou menos neutras foram igualmente observadas, por exemplo "certeza para todo o ser humano" (4), "a coisa mais natural", "a coisa mais certa"; ou expressões do género de fenómeno natural, tão natural como o nascer ou a morte faz parte da vida (23), "é necessário dar lugar aos outros", "se ninguém morresse, outros não podiam nascer" (7), "algo (fase da vida) para o qual todos devem estar preparados", "algo que chega sem avisar e contra o qual nada se pode fazer", "caminho por onde todos devem passar", "fim de um percurso", "fim de uma etapa e começo de outra", "fim da nossa missão na terra", "um mistério", "separação da alma do corpo" (5), "um nada e ao mesmo tempo um tudo".

São mais as repostas de índole negativa, mais ou menos dramáticas ou pessimistas. Muitas exprimem "o fim da vida", "o fim de tudo", "perda de tudo", "destruição da vida" (33). Outras manifestam, de diversos modos, a tristeza: "coisa muito triste", "tristeza e choro", "fim dos sonhos e por isso a coisa mais triste" (18). Outras respostas referem-se ainda ao "desaparecimento da pessoa" (3), "ao pior inimigo do homem", "coisa assustadora", "a coisa mais horrível", "o pior dos acontecimentos".

Quanto à amostra dos jovens portugueses, e mantendo a mesma ordenação, alguns praticamente não tentaram definir a morte, argumentando que se trata de algo

extraordinário e misterioso, que seria preciso experimentar antes para se poder compreender. Alguns (4) afirmaram também não pensar no assunto, interessados que estavam com a vida e não com a morte. Muitos definem positiva ou negativamente a morte conforme a fé religiosa que praticam; assim, é grande o número (42) dos que afirmam que a morte não é fim, mas princípio de nova vida. Bastantes ainda (35) referiam, por diversas expressões, tratar-se da coisa mais natural e mais certa, se bem que de hora incerta. Alguns referem-se à morte como "descanso", "repouso (eterno)" (13), como "fim do sofrimento" (4), "fim do egoísmo" ou "libertação deste mundo ingrato". A morte, segundo alguns, redimensiona a vida, tornando-nos mais modestos. Outros (7) fazem notar que receiam mais a morte dos entes queridos que a própria morte e que desejariam partir à frente ou ao menos não deixar outros a sofrer.

Expressões mais neutras sobre a morte consideram-na como "enigma", "incógnita", "grande interrogação", "algo desconhecido" ou outras expressões similares (16), "um desmaio", "um sono profundo" (6) e, principalmente, "uma passagem" para outra vida (17).

Definição mais negativa, e muito repetida, é considerar a morte como "o fim de tudo", "o fim da vida" (45), embora nalguns casos acenando à hipótese duma outra vida. Outras definições expressam a morte como "desgraça (total)" (4), "traição à vida", "o pior que pode acontecer" ou "aniquilação total".

### Representação da morte

A segunda pergunta era formulada deste modo: Tente usar duas ou três comparações ou metáforas que melhor exprimam o que é a morte - *"Imagino (represento) a morte como..."*

Nesta pergunta fazia-se apelo à imaginação, o que permitia representar mais concretamente a morte, e assim completar a primeira pergunta, onde as respostas eram mais abstractas, embora já anteriormente os inquiridos usassem algumas comparações, enquanto na segunda pergunta nem sempre utilizassem imagens, mas também alguns conceitos gerais. Na sequência da questão anterior, notam-se respostas mais positivas e outras mais negativas.

As comparações mais frequentes na amostra caboverdiana são: "descanso eterno", "descanso final" ou expressões semelhantes (15), "fim duma vida e começo de outra" (5), "porta que se fecha nesta terra e se abre no céu", "festa de entrada no outro mundo", "nova fase da vida, como no grão de milho que nasce, cresce, reproduz e morre", "meta da vida", "nova geração", "chave de ouro para a eternidade", "ida para o céu ao encontro de Deus", "passagem para um mundo melhor" (8), "libertação do espírito e do corpo", "renascimento espiritual", "campo verde cheio de pássaros a cantar", "barca que chega ao porto", "rio que chega ao mar", "fim de todos os problemas".

Outra série de imagens nem exprimem optimismo nem grande pessimismo, podendo considerar-se moderadas, como a imagem do sono (profundo, eterno) (13), embora esteja próxima de descanso eterno, que catalogamos como mais positivo. Outras representações foram feitas como "viagem para longe sem regresso à terra natal" ou semelhantes (7), "partir duma terra para outra", "salário a pagar pelo pecado", "missão cumprida".

Mas a morte é pintada principalmente com cores negras, por exemplo, "fim de tudo", "ponto final na vida" (12) (e expressões similares), "escuridão total", "noite eterna" (15), "noite sem estrelas", "pôr-do-sol sem novo nascente", "vela que se apaga", "buraco negro no universo", "cor preta", "beco sem saída", "túnel escuro", "sepulcro", "o ruir da bela casa da vida", "castelo de areia derrubado pelas ondas", "dilúvio que se abate sobre a vida", "flor viçosa que murcha", "planta seca", "prisão eterna", "desmaio eterno", "doença sem cura", "o apagar das luzes", "convidado indesejado", "um pesadelo", "catástrofe, desastre completo", "coisa horrorosa", "coisa que não devia existir", "o maior inimigo do homem", "monstro (maldito) que devora a vida" (8), "ladão (traíçoeiro)" (9), "louça partida em mil bocados", "barco que se afunda", "lua cheia que desaparece", "noite sem estrelas".

Os jovens portugueses também usam algumas expressões relativamente benignas a respeito da morte, como "retorno a Deus", "salvação" ou outros reflexos da fé (16), "passaporte para a outra vida", "partida para destino incerto", "porta que se abre para outro mundo", "ponte para outro mundo", "transformação radical", "revolução na vida", "um mergulho no eterno", "o cortar da meta", "o desaguar do rio no mar", "meta duma longa moratória", "fim do labirinto da vida", "sensação de leveza e de liberdade".

Há outras respostas ainda sem grande carga negativa: "corredor sem fim", "cair da folha" (4), "rosa que murcha", "lâmpada fundida", "curto-circuito", "viagem sem retorno", "abandonar o navio em alto mar", "silêncio eterno", "noite sem fim", "último adeus", "labirinto interminável", "linha de demarcação entre dois mundos".

Outras metáforas são mais negativas, como, "abismo" (12), "poço (escuro e profundo)" (6), "vazio (total)" (4), "escuridão" (16), "túnel (tenebroso)" (5), "pesadelo (sem fim)" (6), "olhos que se fecham para sempre", "castelo que se desmorona" (3), "fim de todos os sonhos", "tempestade que tudo destrói", "separação brutal", "anestesia geral eterna", "bomba que faz explodir a vida", "o diabo".

### *Sentimentos à hora da morte*

A última questão era do seguinte teor: Escreva o último pensamento ou sentimento que gostaria de ter antes de morrer - "Antes do meu último suspiro gostaria de..."

Alguns jovens caboverdianos (8) expressam a vontade de morrer de repente, sem tempo para pensar nisso. Mas a maioria transmite sentimentos positivos, particularmente o desejo de se despedir da família (muitos mencionam a mãe, sem falar no pai - o que se compreende se pensarmos que em Cabo Verde quase metade dos filhos vivem apenas com a mãe). Esta ideia é referida 27 vezes e é completada com o desejo de querer todos (família e amigos) à sua volta no último momento (14). É também bastante referido (12 vezes) o desejo de voltar a viver. Alguns pedem para que ninguém (particularmente a família) se entristeça com a sua morte (6). Outros desejam que os familiares fiquem em paz (4) e que não os esqueçam (5). Mais desejos: "ver os filhos crescidos", "ter concretizado (realizado) todos os meus sonhos" (5), "escrever o meu testamento", "lembrar todos os bons momentos da vida" (3), "ver um mundo melhor", "estar certo de que valeu a pena viver", "sentir-se satisfeito por ter realizado o que se desejou", "agradecer aos que me ajudaram", "reparar o mal feito" ou expressões similares a "pedir perdão" (8), "morrer de coração limpo", "sentir alegria por tudo o que se fez", "que não façam despesas com a minha morte", "que a família encare a morte com naturalidade" (3).

Alguns são mais utópicos, por exemplo, "deixar todos os pobres ricos e todos os doentes sãos", "encontrar um remédio que sarasse a todos", "descobrir algum remédio que não deixasse morrer", "morrer deixando o mundo sem mais guerras". Outros expressam a sua fé: "fechar os olhos e acordar em Deus", "morrer fiel a Deus" (5). Há ainda quem manifeste desejos mais concretos, como, "que a minha mãe deixasse de beber" ou "que o meu clube ganhasse o campeonato".

A maior parte dos jovens portugueses aborda também o último momento com pensamentos e sentimentos positivos. Bastantes (43) referem o desejo de se verem rodeados dos familiares e amigos, despedindo-se de todos. Outros queriam morrer tendo a certeza de ter realizado os seus sonhos e ambições (8), ou partindo com a certeza de que o mundo fica melhor (4). Alguns (7) expressam o desejo de ser recordados. Outros (9) queriam morrer lembrando todos os momentos felizes da vida, desejando a todos a felicidade, enquanto outros (13) desejavam morrer de bem com todos ou pedindo desculpa dos erros cometidos, para morrer em paz com a consciência tranquila. Outros referem pensamentos religiosos, como voltar-se para Deus ou fazer um acto de fé na eternidade (7).

Bastantes sujeitos (16) têm a preocupação de notar que não desejavam ver sofrer ninguém com a sua morte e por isso alguns (3) não se importavam de morrer sozinhos ou que ninguém fosse ao seu funeral. Dois referem que gostariam de morrer a sorrir e outros desejariam "morrer de pé" ou "deixar marcas". Mas há também quem se imagine no último momento com sentimentos de outro tipo, por exemplo, dizer a todos os que o fizeram sofrer que as irão pagar, passar os últimos momentos como "bon-vivant" ou fazer amor com a amada...

## Conclusões

É difícil tirar conclusões imparciais do confronto destas duas amostras de jovens. Parece, no entanto, que as respostas dos portugueses, ao contrário do que talvez fosse de esperar, expressam maior naturalidade frente à morte e, por isso, conceitos menos negativos. Talvez o facto de frequentarem um colégio católico, ou o facto de bastantes terem presente a fé, pode influenciar a situação. Todavia, as duas amostras, pelo que nos foi dado verificar através da análise de conteúdo, não se afastam muito na definição, representação e últimos sentimentos frente à morte.

Pode também concluir-se que, em geral, os adolescentes-jovens levam muito a sério e pensam bastante no problema da morte, sem contudo o dramatizarem em demasia. Acontecerá o mesmo com os adultos? Só uma amostra colhida noutras idades poderá ajudar na resposta. No entanto julgamos ser legítimo pensar que os jovens, tendo a vida toda pela frente, se sentem mais desprendidos e mais livres frente à morte do que os adultos, dominados pelo materialismo e pela ambição, e por isso com mais medo de terem de abandonar tudo de repente.

## REFERÊNCIAS

- Collet, L. & Lester, D. (1969). The fear of death and the fear of dying. *Journal of Psychology*, 72, 179-181.
- Conte, H., Weiner, M. & Plutchic, R. (1982). Measuring death anxiety: Conceptual, psychometric and factor-analytic aspects. *Journal of Personality and Social Psychology*, 43 (4), 775-785.
- Feifel, H. (1990). Psychology and death: Meaningful rediscovery. *American Psychologist*, 45 (4), 537-543.
- Feifel, H. & Nagy, T. (1981). Another look at fear of death. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 49 (2), 278-286.
- Hennezel, M. (1997). *Diálogo com a morte*. Lisboa: Ed. Notícias.
- Kastenbaum, R. & Costa, P. (1977). Psychological perspectives on death. *Annual Review of Psychology*, 28, 225-249.
- Leon, A. (1980). *Manual de Psicopedagogia Experimental*. Lisboa: Moraes.
- Lester, D. (1967). Experimental and correlational studies of fear of death. *Psychological Bulletin*, 67 (1), 27-36.
- Neufeldt, D. & Holmes, C. (1979). Relationship between personality traits and fear of death. *Psychological Reports*, 45, 907-910.

Schur, M. (1975). *La mort dans la vie de Freud*. Paris: Ed. Gallimard.

Simões, A. & Neto, F. (1994). Ansiedade face à morte. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, 28 (1), 79-96.

Templer, D. (1970). The construction and validation of a death anxiety scale. *Journal of General Psychology*, 82, 165-177.

## DEFINITIONS AND REPRESENTATIONS OF DEATH: DATA FROM YOUNG CABOVERDIAN AND PORTUGUESE STUDENTS

### Abstract

The paper presents a study of representations of death held by two samples of secondary school students (from Cabo Verde and Portugal), as expressed in their answers to three open questions from a questionnaire. The answers from both groups are similar in terms of definitions, representations and feelings towards death. The most frequent answers show that although young people take this subject seriously, they seem to be more detached and free from it than adults.

## DÉFINITIONS ET REPRÉSENTATIONS DE LA MORT: RÉSULTATS POUR DES JEUNES ÉTUDIANTS DE CAP VERT ET DU PORTUGAL

### Résumé

En partant d'une étude sur la représentation de la mort en deux échantillons d'étudiants de l'Enseignement Secondaire (Cap Vert et Portugal), on analyse le contenu de réponses ouvertes à trois questions du questionnaire. Les deux échantillons de jeunes ne s'éloignent pas beaucoup en ce qui concerne la définition, la représentation et les sentiments face à la mort. Les réponses plus fréquentes font penser que les adolescents-jeunes considèrent sérieusement et pensent beaucoup au problème de la mort, sans, toutefois le dramatiser de façon exagérée, et qu'il semblent envisager et sentir plus librement ce problème que les adultes.